

No país dos cedros

"Estou contente por viver aqui e agradeço a Deus a oportunidade que me deu de servir a Igreja ajudando nos começos da Obra no Líbano". O chileno Inácio Pérez de Arce conta como se desenrola a sua vida.

21/06/2009

Na minha infância a primeira página dos jornais era, com muita frequência dedicada aos combates e destruições em Beirute – recorda Inácio. Depois terminou a guerra,

deixou de ser notícia, já não aparecia nos jornais e no meu subconsciente ficou essa imagem da cidade destruída, a que não dei mais importância, até esse dia de finais de 1997, quando surgiu a possibilidade de ir para Beirute ajudar no começo do trabalho da Obra.

Com essa nova perspectiva, dediquei-me a *ressitu*ar o Líbano no mapa (a geografia nunca foi o meu forte) e a ler tudo o que Encarta dizia sobre aquele que, em poucos dias, seria o meu novo país. Descobri, assim, que no Chile, como em toda a parte, há mais libaneses do que eu pensava.

Quando aterrei em Beirute, os da Obra que já lá estavam há um ano, foram-me buscar ao aeroporto. Apesar de tudo ser novo, quando cheguei ao Centro senti-me a entrar "na minha casa", coisa que só se compreende quando se

experimentou pessoalmente o que significa que a Obra é uma família.

Variedade litúrgica

Inácio considera que o Líbano tem características muito interessantes e significativas para o trabalho e a história da Obra. Sem pretender seguir uma ordem hierárquica, destaca os seguintes aspectos:

A primeira coisa que me chamou a atenção foi que não havia que cristianizar o país, já que o próprio Cristo esteve no Líbano, mais ou menos, por volta do ano 30. Se pensarmos que o primeiro cristão chegou ao Chile por volta do ano de 1515, verificamos que o Líbano é Terra Santa e isso nota-se.

A segundo aspecto que me impressionou foram os diferentes ritos. Estamos acostumados a ser "católicos", simplesmente. Mas aqui os "católicos" têm apelido litúrgico:

"maronita", "greco-melkita", "caldeu", etc. Todos eles são católicos, apostólicos e romanos, mas não latinos, como no Chile. Assim, no Líbano podemos encontrar fiéis do Opus Dei de rito latino e também numerários, supranumerários e sacerdotes que celebram a Santa Missa e recebem os Sacramentos de maneira diferente da nossa.

Depois há o mundo árabe e, concretamente, o Islão. Nesta região os muçulmanos são predominantes. Há aproximadamente 1.500 milhões no mundo e o Líbano constitui uma posição chave, pois é um dos poucos lugares onde os cristãos e os muçulmanos convivem em igualdade de condições e num clima de respeito mútuo.

Finalmente há as características próprias do país, a cultura, o carácter das pessoas, o idioma, o clima, a situação política e económica, o

trânsito nas ruas, etc. Como em todo o lado, aqui há coisas boas e menos boas, mas o saldo é amplamente positivo e para um estrangeiro é, geralmente, fácil ambientar-se.

Os libaneses “tomam as rédeas”

Ajudar nos começos da Obra aqui é algo que se faz de uma maneira muito natural, porque não somos missionários mas cristãos correntes. Portanto, o desenvolvimento dos trabalhos apostólicos do Opus Dei realiza-se vivendo simplesmente o seu espírito, como no Chile, em Roma ou em Beirute. Trabalho numa empresa de informática, tenho um horário como todos os meus colegas, ganho o meu ordenado com esforço, como toda a gente e animo os meus amigos a confessarem-se, a ir à Missa, a rezar, a oferecer o seu trabalho, a fazê-lo bem feito. Alguns começam a ter direcção espiritual, outros vêm aos meios de formação.

Depois vamos colocando as bases para que a Obra seja mais conhecida: traduzir os livros de São Josemaria para árabe, construir os Centros e Casas de Retiro onde se realiza o trabalho apostólico, começar um Clube, um colégio... E fazendo o mesmo que em qualquer lado e que é o que dá frutos: palestras, meditações, círculos, retiros, catequese, visitas aos mais necessitados, actividades culturais e desportivas, excursões e, sobretudo, essas conversas com os nossos amigos e colegas que abrem horizontes de coerência cristã, de apostolado, de generosidade com Deus e com os outros. Com a graça de Deus chegam à Obra vocações de libaneses, que vão ampliando as actividades, “tomando as rédeas” e fazendo a Obra eles mesmos, como nós vimos fazer a Adolfo Rodríguez e aos primeiros que vieram para o Chile enviados por São Josemaria para iniciar o trabalho do Opus Dei.

Estou contente por aqui viver e agradeço a Deus a oportunidade que me deu de servir a Igreja ajudando nos começos da Obra no Líbano. O mais importante é ser generoso para fazer o que Deus peça e viver a própria vocação com a maior fidelidade possível.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/no-pais-dos-cedros/> (13/08/2025)